



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

A fronteira entre os dois lados: Memória e Representação de homossexuais na revista *Época*¹

Ciro Martins Pires de Oliveira²

Faculdade Cásper Líbero

Resumo

Do final dos anos 80 se criou o estereótipo de que homossexuais eram transmissores do vírus HIV. 29 anos depois, a *Época* reproduz o equívoco. O objetivo deste artigo é analisar a capa da *Época* do dia 2/4/2018, que traz como chamada: “A outra pílula azul: o novo medicamento que está fazendo os gays abandonar a segurança da camisinha”. Com o aporte teórico dos Estudos Culturais sobre representação, memória e identidade, o trabalho propõe uma reflexão sobre a distância entre o grupo visto como “diferente” e o padrão, a importância de um trabalho jornalístico bem apurado e referenciado e a relação deste ator político/social com a construção de uma memória cultural, frisando os espaços de recordação e esquecimento. É notado, através da análise cultural, que a revista faz uso de referências que reforçam o estereótipo do gay como transmissor único do HIV, reforçando que o jornalismo possui papel importante na hora de representar grupos que estão separados por uma fronteira.

Palavras-chave: Estudos Culturais; Identidade; Memória; Homossexual; HIV

Introdução

O presente artigo tem a intenção de fazer uma analogia da construção de muro com as diferenças que separam dois grupos identitários, sendo um deles os LGBTs³, mais especificamente para este artigo os homossexuais, e os heterossexuais. Mais além, também é proposta uma reflexão sobre a abordagem jornalística em relação ao tema do HIV e da Aids no Brasil, fazendo o uso da reportagem de capa da *Época*, de 2 de abril de 2018 como objeto de análise. O trabalho efetiva, também, a

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 2 – COMUNICAÇÃO, CONSUMO e IDENTIDADE: materialidades, atribuição de sentidos e representações midiáticas, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

² Jornalista formado pela PUC-Campinas e atualmente mestrando pela Faculdade Cásper Líbero. Já trabalhou com Assessoria de Imprensa, Agência de Comunicação e Jornalismo Literário. Pesquisa voltada para representações das identidades LGBTs nas revistas de circulação nacional. E-mail: ciro_martins@outlook.com

³ LGBT é sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

interpretação tanto da capa como do conteúdo da reportagem, traçando paralelos com abordagem jornalística dos anos 80.

Para isto, o artigo trabalha com três principais conceitos: identidade, representação e memória. Para identidade, é trazida a obra de Stuart Hall (2016) com o conceito de identidade cultural, Kathryn Woodward (2000) com o de identidade e diferença e Bauman (2001) com o constante movimento das identidades.

Para representação, Hall (2016) entra com a relação dos discursos proferidos pela imprensa e sua relação com a formação das identidades. Carlos Alberto de Carvalho (2015) entra com a representação específica da comunidade LGBT, dos sujeitos desta comunidade com o HIV e com a imprensa.

Por fim, é resgatado o conceito de memória cultural e individual, de Aleida Assmann (2011), na obra “Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural”. Além disto, Ecléa Bosi (1994) e Candau (2011) são relacionados aos conceitos de Assmann (2011) para elucidar o pensamento acerca da contribuição do jornalismo com a memória de uma sociedade.

A intenção é pensar em que momento o jornalismo pode entrar para aumentar este muro que separa os grupos, mas também seu potencial de diminuir e construir escadas nos muros, alterando a maneira como ambos os lados se enxergam e se relacionam. Recorrendo a uma metodologia que consiste em uma análise cultural de cunho qualitativo sobre a matéria da revista Época, além de pesquisa bibliográfica sobre Estudos Culturais.

1. Muro da representação: os discursos sobre o outro lado

Para o desenvolvimento da relação de memória e representação de uma comunidade minorizada, como a dos LGBTs, primeiro é importante dar uma introdução ao conceito de identidade. Bauman (2001) entende a busca pela identidade como um desejo de solidificar o que se é:

Quando falamos de identidade há, no fundo de nossas mentes, uma tênue imagem de harmonia, lógica, consciência: todas as coisas que parecem – para nosso desespero eterno – faltar tanto e tão abominavelmente ao fluxo de nossa experiência. A busca da identidade é a busca incessante de deter ou tornar mais lento o fluxo, de solidificar o fluido, de dar forma ao disforme (BAUMAN, 2001, p. 99).



Porém, o autor completa que este é um processo equivocada e sem fim:

Mas as identidades, que não tornam o fluxo mais lento e muito menos o detêm, são mais parecidas com crostas que vez por outra endurecem sobre a lava vulcânica e que se fundem e dissolvem novamente antes de ter tempo de esfriar e fixar-se (BAUMAN, 2001, p.99).

Ainda sobre identidade cultural, o pesquisador jamaicano Stuart Hall (1994) vai à mesma linha de pensamento de Bauman (2001), ao enfatizar que identidades culturais não podem ser tomadas como conceito, isto é, sua essência e suas especificidades devem ser enxergadas para além de suas supostas posições estáticas, não podendo ser entendidas como essências mantidas, imutáveis e “fora da história e da cultura”(Hall, 1994, p.74).

Ao invés de tomar a identidade por um fato que, uma vez consumado, passa, em seguida, a ser representado pelas novas práticas culturais, deveríamos pensa-la, talvez como uma “produção” que nunca se completa, que está sempre em processo e é sempre constituída interna e não externamente à representação. Esta visão problematiza a própria autoridade e autenticidade que a expressão “identidade cultural” reivindica como suas (HALL, 1994, p.68).

Ainda no contexto dos Estudos Culturais, Kathryn Woodward (2000) defende que esta identidade, seja ela étnica, de gênero, linguística, sexual, é sempre marcada pela diferença.

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença (WOODWARD, 2000, p.39-40).

Esta diferença, para o presente trabalho, pode ser entendida como os sujeitos dentro da comunidade LGBT, que fogem a uma normatividade estabelecida e fixada como padrão comportamental: heterossexualidade. Desenvolvendo o conceito trazido por Woodward (2000), é este muro entre ambos os lados (hétero e não hétero) que fica responsável pelo reconhecimento da diferença. A partir do momento que há uma brecha neste muro ou que se vá até o topo dele e através disto enxerga-se o outro, é que as identidades irão aparecer. Pois assim há o “outro” e não mais somente o “eu”. Assim, “a marcação da diferença é, assim, o componente-chave em qualquer sistema de classificação” (WOODWARD, 2000, p. 42). Pois é através desta identificação da diferença é que as relações entre dominante e dominado irão acontecer.

A diferença pode ser construída negativamente – por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como “outros” ou forasteiros. Por outro lado, ela pode ser celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo, sendo vista como enriquecedora: é o caso dos movimentos sociais que buscam resgatar as identidades sexuais dos constrangimentos da norma e celebrar a diferença (afirmando, por exemplo, que “sou feliz em ser gay”) (WOODWARD, 2000, p.50).



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Identidade e diferença possuem esta relação de codependência para firmação de ambos e ainda “partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística [...] são criações sociais e culturais” (SILVA, 2000, p. 71). Criações e construções estas que podem ser entendidas como a representação, imagética e textual, de seus sujeitos. Isto é, os discursos que são levantados, perpetuados ou destruídos sobre as identidades desta comunidade.

Nós concedemos sentido às coisas pela maneira como as *representamos*- as palavras que usamos para nos referir a elas, as histórias que narramos a seu respeito, as imagens que delas criamos, as emoções que associamos a elas, as maneiras como as classificamos e conceituamos, enfim, os valores que nelas embutimos (HALL, 2016, p. 21).

Esta representação é dada através de discursos, no caso deste trabalho, do discurso midiático.

Discursos são maneiras de se referir a um determinado tópico da prática ou sobre ele construir conhecimento: um conjunto (ou *constituição*) de ideias, imagens e práticas que suscitam variedades no falar, formas de conhecimento e condutas relacionadas a um tema particular, atividade sociais ou lugar constitucional na sociedade. Essas formações discursivas, como assim são conhecidas, definem o que é ou não adequado em nosso enunciados sobre um determinado tema ou área de atividades social (HALL, 2016, p. 26).

Pensando ainda na analogia com o muro que separa dois grupos indenitários, a representação (discursos) pode ser vista como a maneira que quem enxerga o outro lado o descreve para quem não consegue enxergar. O problema reside justamente na forma como estes discursos são construídos sobre o “outro”. Hall (2016) vai dizer que estas formas não só produzem sentido, mas também que todo este conceito que é criado por determinados poderes, irá se relacionar com “o poder, regula condutas, inventa ou constrói identidades e subjetividades e define o modo pelo qual certos objetos são representados, concebidos, experimentados e analisados” (HALL, 2016, p.27). Isto é, estes sujeitos e suas formações discursivas que enxergam o outro lado do muro são responsáveis pela forma como se dá o tratamento com os sujeitos que habitam o outro lado, a forma como estes grupos se relacionam entre si e até mesmo como “outro” enxerga a si mesmo.

O jornalismo entra como um destes sujeitos que conseguem ver o outro lado. O seu discurso, porém, pode ser marcado pela celebração desta diferença, pela condenação dela ou até mesmo pela marginalização da mesma.

[a comunicação] está inevitavelmente ligada ao sucesso, à eficácia ou à ineficácia, das teorias da formação social como um todo, porque é neste contexto que deve ser teorizado o lugar da comunicação no mundo social moderno [...] a comunicação moderna não pode ser conceituada como externa ao campo das estruturas e práticas sociais porque [a comunicação] é, cada vez mais, internamente constitutiva delas. Hoje, as instituições e relações comunicativas definem e constroem o social; elas



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

ajudam a construir o político; elas medeiam às relações econômicas produtivas; elas se tornaram ‘uma força material’ nos modernos sistemas industriais; elas definem a própria tecnologia; [e] elas dominam o cultural (HALL, 1989: 43).

Assim, estas forças da comunicação são responsáveis também (não sozinhas) pelo que se entende do outro lado do muro. Carvalho (2012), vai ainda falar mais especificamente sobre a relação da mídia e a comunidade LGBT:

As potencialidades não fragmentadoras do jornalismo, portanto, devem ser entendidas a partir da sua inserção em um meio social de compartilhamento de experiências, que se dá pela mediação técnica propiciada pelas mídias noticiosas, dentre outras modalidades de mídias, mas também pelos contatos interpessoais e pelas formas particulares como cada pessoa circula pela realidade que lhe é mais imediata, inclusive com todas as suas contradições (CARVALHO, 2012: 125).

O autor ainda vai dizer que o jornalismo é responsável por parcela significativa do que é colocado no mundo sobre os sujeitos inseridos na temática, mesmo que muitas vezes oculte aspectos de relevância para a compreensão desta diferença. Sendo ele “também marcado por contradições, a exemplo de silêncios e interditos relativamente a temas de grande relevância social que podemos encontrar na prática específica de uma mídia noticiosa” (CARVALHO, 2012, p.122).

Neste sentido, é possível enxergar o jornalismo como um dos mecanismos que fomentam a memória ou contribuem para o esquecimento.

2. Memória: aquilo que se lembra ou foi esquecido do outro lado

No contexto da analogia invocada para este trabalho, a memória entra como os discursos que foram propagados por quem enxergou o outro lado, sobrevive às gerações seguintes e também aos discursos que se perderam com o tempo. Justamente essa mutabilidade da cultura fez com que Santaella (2003, p. 45) afirmasse que “sem a mudança, a cultura estagnaria”.

Aleida Assmann (2011) vai dizer que a memória viva vem de um suporte que é dado por mídias e que o processo de recordação ou esquecimento ocorre no indivíduo e segue processos psíquicos, mas no nível coletivo e institucional são norteados por políticas específicas.

Já que não há auto-organização da memória cultural, ela depende de mídias e de políticas, e o salto entre a memória individual e viva para a memória cultural e artificial é certamente problemático, pois traz consigo o risco da deformação, da redução e da instrumentalização da recordação. Tais restrições e enrijecimentos só podem ser tratados se acompanhados de crítica, reflexão e discussão abertas (ASSMANN, 2011, p. 19).



A pesquisadora ainda completa, ao referenciar a fala de Paul Antze e Michael Lambek (1997), dizendo que “apela-se à recordação para curar, para acusar, para justificar. A recordação tornou-se parte essencial da criação identitária individual e coletiva e oferece palco tanto para conflito quanto para identificação”(Apud ANTZE; LAMBECK, 1997, p.20).

Assmann (2011) diz que há uma problemática entre a escrita e a tradição:

O problema da tradição – e com ele o problema da memória cultural – torna-se muito mais complexo no momento em que não se trata mais de anotar e ler *contra* o esquecimento, mas de *incorporar* esse esquecimento como elemento constitutivo no processo de transmitir e legar coisas do passado. Quando se fala de deslocar o interesse *dos textos para os elementos remanescentes*, trata-se de uma mudança das mídias da memória de testemunhas “falantes” para testemunhas “mudas”, com a preocupação de fazer que essas últimas voltem a se manifestar (ASSMANN, 2011, p. 229).

Neste ponto, é proposto um comparativo prático quanto à questão da memória, da identidade e da representação, através de um exemplo do que circulava acerca de AIDS/HIV e sua relação com homossexuais:



Figura 1: Jornal O Dia, 20/11/1984⁴



Figura 2: Jornal Notícias Populares, 12 de junho de 1983.

Do seu surgimento aos dias atuais, a Aids tem deslocado verdades médicas e científicas, desafiado a capacidade de cura para algumas doenças, lançado problemas sobre preconceitos sociais diversos, especialmente aqueles ligados às relações de gênero, e mais particularmente à homofobia (CARVALHO, 2012, p.255).

Carvalho (2009) vai percorrer o caminho traçado pela Aids e sua falsa ligação aos homossexuais, mais especificamente.

⁴ Disponível em: <https://memoriamblogspot.com.br/2012/11/os-sombrios-anos-da-pestes-gay.html> Acesso em: 10 abril 2018.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Da ideia inicial de “grupos de risco”, gerada equivocadamente pelo fato de a Aids primeiramente ter sido identificada entre homossexuais, prostitutas, usuários de drogas injetáveis, hemofílicos e haitianos, o maior prejuízo social e simbólico recaiu sobre as homossexualidades masculinas, tornando mais visível a homofobia muitas vezes mal disfarçada em violências físicas e simbólicas. Se foi fortuita a identificação de homossexuais como “grupo de risco”, pelo fato de um mesmo médico ter atendido um conjunto dessas pessoas no início da disseminação mais abrangente da Aids (CARVALHO, 2015, p. 265).

Não distante da discussão aqui apresentada, a Aids logo foi fortemente ligada à homossexualidade nos anos 80, trazendo abertura para que discursos midiáticos fossem construídos e difundidos com essa ideia. Logo os sujeitos de um lado do muro enxergavam os sujeitos do outro lado (LGBTs) como transmissores do vírus e até atribuindo à Aids o título de “peste gay”. Com o tempo, os discursos foram mudando, pois as causas e feitos do HIV e da Aids foram sendo esclarecidas por profissionais da área e desconstruídas por veículos de informação. Seguindo a ideia de Assmann (2011), essa memória cultural sobre portadores de Aids foi construída com a ajuda de aparatos midiáticos que propagavam este discurso imagético e textual sobre o tema.

Esta ideia de dominância sobre um grupo pode ser encontrada na obra de Ecléa Bosi (1994) quando a autora conversa com o conceito de psicologia do oprimido:

Ecléa Bosi(1994) faz o que João Alexandra Barbosa (2015) vai chamar de “psicologia do oprimido”.

A força da evocação pode depender do grau de interação que envolve: eventos de repercussão restrita diferem, em sua memorização, dos que foram revividos por um grupo anos a fio. Mas uns e outros sofrem de um processo de desfiguração, pois a memória grupal é feita de memórias individuais. Conhecemos a tendência da mente de remodelar toda experiência em categorias nítidas, cheias de sentido e úteis para o presente. Mal termina a percepção, as lembranças já começam a modificá-la: experiências, hábitos, afetos, convenções vão trabalhar a matéria da memória. Um desejo de explicação atua sobre o presente e sobre o passado, integrando suas experiências nos esquemas pelos quais a pessoa norteia sua vida. O empenho do indivíduo em dar um sentido à sua biografia penetra as lembranças com um “desejo de explicação” (BOSI, 1994, p. 419).

Dito isto, o jornalismo possui a responsabilidade, como um ator político e social, de atentar aos discursos e a forma como enxerga aquele que está do outro lado do muro e, mais importante, como o representa para as outras pessoas.

Refletir sobre o poder de afetação dos acontecimentos e a dialética agir-sofrer que lhe é adjacente nos permite ir além na compreensão sobre o próprio estatuto dos acontecimentos, mas particularmente interessa às nossas investigações sobre o Jornalismo ao promover importantes deslocamentos sobre modos tradicionais e reducionistas de concepção do acontecimento em estudos da área (CARVALHO, 2015, p. 268-269).



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Assmann (2011) reforça a ideia, quando diz que há uma tentativa sempre de reduzir os acontecimentos, em encontrar significado em um ponto dentro de um círculo. Em outras palavras, é o mesmo que procurar entender o mundo do outro lado do muro, através de uma fresta. A autora afirma que no sistema de reconhecimento humano, se tem, extremamente enraizados, esquemas culturais que permitem o reconhecimento do “todo na parte, a sequência no exemplo, o geral no específico” (ASSMANN, 2011, p.405).

O exercício de recordar, de jogar luz, está sempre acarretado ao esquecimento de outras partes. Assmann (2011) vai dizer que “por um lado, espaços da recordação surgem por meio de uma iluminação parcial do passado, do modo como um indivíduo ou um grupo precisam dele para a construção de sentido, para a fundação de sua identidade” (ASSMANN, 2011, p.437). E, segundo a autora, essa iluminação parcial escurece outros cantos da memória.

O que se seleciona para a recordação sempre está delineado por contornos de esquecimento. O recordar que enfoca e concentra implica esquecimento, da mesma forma que (...) se escurece o restante de um cômodo quando se leva uma vela até o canto desse mesmo cômodo (ASSMANN, 2011, p.437).

Porém, a autora diz que estes espaços de recordação e esquecimento não são fixos, seguindo o percurso da cultura, das identidades, que também não são estáticos. “É assim com a recordação: mesmo quando a negligenciamos, nem por isso ela nos deixa por muito tempo” (ASSMANN, 2011 p.442).

Talvez assim seja possível pensar o jornalismo como um potencial de força que pode, através da representação atenta à memória e às identidades que estão inseridas nos contextos culturais, diminuir o tamanho do muro ou colocar novas camadas de tijolos sobre ele. Carvalho e Sousa (2014) vão falar de uma memória manipulada, que é bem particular também do jornalismo. “Implica um grau de subjetividade e o jornalismo busca se atrelar a elementos de uma memória coletiva a fim de que a narrativa tenha ressonância junto ao público e este reconheça no processo de refiguração um mundo que também é seu” (CARVALHO; SOUSA, 2014, p. 161).

Como o Jornalismo sempre apanha os acontecimentos por meio de narrativas, estar atento a elas é o primeiro cuidado teórico-metodológico. É necessário, assim sendo, identificar como se dá a armação da intriga, quais são as relações de temporalidade acionadas, quais são as personagens implicadas, na condição de fontes ou agentes que auxiliam a contar a história, dentre outros elementos capazes de, a partir dos acontecimentos narrados, esclarecer sobre eles e, dialeticamente, tomá-los como esclarecedores sobre os modos de ser do Jornalismo (CARVALHO, 2015, p. 270).



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

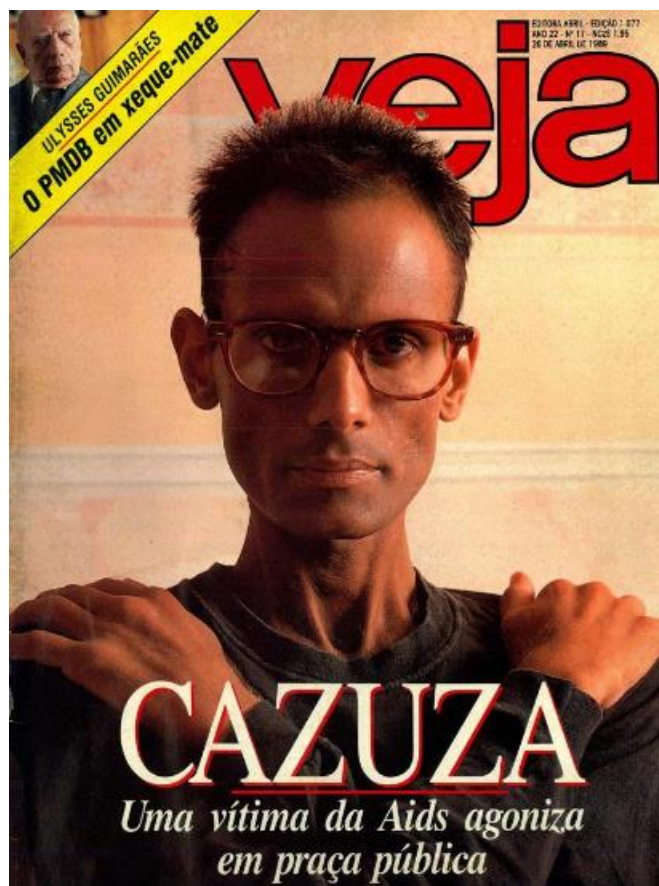
6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

3. Mais uma camada de tijolos: uma análise da capa e reportagem da *Época* sobre a PrEP

Neste tópico da pesquisa é feita uma análise cultural da capa e reportagem de capa da revista *Época*, do dia 2 de abril de 2018. Com reportagem feita por Danilo Thomas, com capa assinada pelo jornalista.

Contudo, antes de efetivar a análise, é proposta uma volta aos anos 80, com a capa da *Veja* de 26 de abril de 1989. A capa vem com o seguinte título: “Cazuza: vítima da Aids agoniza em praça pública” e traz consigo a ideia de que o cantor e compositor escolheu morrer aos olhos do público, desmerecendo toda a luta que Cazuza travou para assumir a doença e lutar contra ela na época, como se vê na Figura 3, abaixo.

Figura 3 – Cazuza na capa de *Veja*



Fonte: Revista *Veja*, 26/4/1989



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

O seguinte trecho elucida bem o viés problemático da matéria:

O mundo de Cazuza está se acabando com estrondo e sem lamúrias. Primeiro ídolo popular a admitir que está com Aids, a letal síndrome da imunodeficiência adquirida, o roqueiro carioca nascido há 31 anos com o nome de Agenor de Miranda Araújo Neto define um pouco a cada dia rumo ao fim inexorável.

29 anos depois, desconstruídos os estereótipos (através de discursos médicos e de outros atores sociais) de homossexuais como transmissores do HIV, a revista *Época* publica a seguinte capa: “A outra pílula azul: o novo medicamento que está fazendo os gays abandonar a segurança da camisinha”. O comparativo com a capa de Cazuza da *Veja* é exatamente para mostrar o conteúdo regressivo da revista em abordar o tema. O problema é que o erro da *Veja* (junto com outras forças sociais e políticas), em 1989, feriu a memória cultural de uma sociedade e colocou sobre os homossexuais a responsabilidade da transmissão do HIV. Porém, isto foi há 29 anos, quando estudos ainda estavam sendo desenvolvidos e o pouco que se sabia sobre a Aids e o HIV.

Figura 4: PrEP na capa da *Época*



Fonte: Revista *Época*. Ed. 1031, 2/4/2018



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

A *Época* (Figura 4) vem reforçar um discurso que fora combatido por diversos movimentos sociais, discursos oficiais (médicos infectologistas) e um esforço até de diferentes mídias em refutar a ideia de que o homossexual é o transmissor do vírus. O subtítulo “o novo medicamento que está fazendo os gays abandonar a segurança da camisinha” vai além de seu erro de concordância em combinar o tempo verbal com o artigo no plural. Induz a pensar, em sua representação discursiva textual, que este medicamento é tomado somente por homossexuais, ao usar “os gays” a revista generaliza o comportamento de toda uma comunidade. O que leva, novamente, a Assmann (2011), que denuncia o discurso que pega a parte para entender o todo. Na metáfora aqui utilizada, é tomar o todo pelo que se enxerga pelo buraco do muro.

No interior da revista, a reportagem se desenvolve com mais alguns equívocos cognitivos. A começar com o título, “O novo azulzinho”, e uma espécie de subtítulo, “O azul é a cor mais quente”, repetido no topo das páginas, como uma tentativa de brincar com o título do filme francês [dizer o título do filme, ano, diretor]. Isto faz com que a questão não seja tratada com a devida seriedade que o assunto pede. O tom informal, quase em forma de brincadeira, é agravado com informações equivocadas, que sequer apresentam as fontes, como a que consta no olho da reportagem:

A PrEP está mudando o comportamento sexual de grupos de risco, sobretudo dos gays. Eles estão abandonando a camisinha, contribuindo para o aumento de doenças sexualmente transmissíveis.

Logo na página 37, o jornalista se contradiz ao dizer que “*não se pode garantir que o uso da PrEP esteja diretamente ligado à queda do uso de camisinha no Brasil*”. Além, disto a matéria se preocupou em apenas ouvir homossexuais, o que pode ter levado o jornalista a ir por este caminho de tratar o HIV como um problema quase que exclusivo dos gays. Quando na verdade, a exposição se dá para qualquer pessoa e, como já dito anterior mente, no texto de Carvalho (2015), o termo “grupos de risco” se referindo à homossexuais é equivocado.

A capa começou a circular pela internet e logo o coordenador do Estudo PrEP Brasil, médico infectologista Rico Vasconcelos, publicou um texto em sua página do *Facebook* no qual dizia estar arrependido de ter dado entrevista à *Época*⁵. O médico diz que o texto da *Época* está

⁵ Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/prevencao-do-hiv-medico-infectologista-diz-se-arrependido-de-ter-dado-entrevista-a-epoca-sobre-prep/>. Acesso em: 10 abril 2018.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Repleto de equívocos que reforçam estigmas sobre temas que já estão soterrados de preconceitos, como por exemplo o fato analisado com julgamento moral de que gays são promíscuos, ou que somente os gays precisam se preocupar com HIV”.

O resultado dessa reportagem será um desserviço ao programa de implementação da PrEP no Brasil, disseminando inverdades sobre o assunto, voltando a opinião pública contra a estratégia e fazendo com que pessoas que poderiam evitar suas infecções pelo HIV deixem de buscar a PrEP, permanecendo assim vulneráveis.

Em resposta⁶, a época diz que “A reportagem também não afirma que gays e bissexuais masculinos são promíscuos nem faz qualquer juízo de valor sobre os personagens apresentados”. Apesar de, em seu título, frisar especificamente os gays e deduzir que todos eles estão abandonando o uso da camisinha ao usar o artigo “os” ao invés de “uns/alguns”. Além disto, para situar o leitor acerca do alcance do risco de contaminação entre os homossexuais, na abertura da matéria se dá uma descrição de orgia ambientada em uma boate específica de São Paulo:

Ali, entre paredes e teto pintados de negro, iluminação fraca composta de luzinhas azuis, grupos de homens jovens e de meia idade- de todas as raças e estratos sociais- reúnem-se para se masturbar, fazer sexo oral ou transar com parceiros conhecidos ou não- à vista de quem queira.

Em seguida, a Época continua a se justificar afirmando que “O índice de prevalência do HIV em homossexuais e bissexuais masculinos acima dos 25 anos chega a 19,8%. Na população em geral está em 0,4%”. A afirmação da revista contém dois pontos importantes: o primeiro de que dados não são fatos, e o que se faz deles, principalmente no jornalismo, é uma interpretação. Quando a revista resolve, através de um suposto estudo estatístico, focar em um grupo, ela desfoca os restantes. Assmann (2015) diz que quando há um foco de luz dentro de um cômodo, as outras partes tendem a ficar no escuro, fazendo uma alusão à dinâmica da memória e do esquecimento. É o que Candau (2011) defende quando diz que as identidades se transformam conforme os cenários, contextos e circunstâncias:

Essa emergência é a consequência de processos dinâmicos de inclusão e exclusão de diferentes atores que colocam em ação estratégias de designação e de atribuição de características identitárias reais ou fictícias, recursos simbólicos mobilizados em detrimento de outros provisória ou definitivamente descartados. Esses destaques das “dimensões” e das “significações da identidade” são geradores de diferenças ou, mais exatamente, de “fronteiras sociais” escorregadias a partir das quais os atores estimam que as coisas e as pessoas – “nós” versus “os outros” – são diferentes. Essas variações situacionais da identidade impedem de reificá-la, de reduzi-la a uma essência ou substância (CANDAU, 2011, p.27).

⁶ Disponível em: <https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2018/04/polemica-da-pilula-azul.html>. Acesso em: 10 de abril de 2018



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Rico Vasconcelos, o médico infectologista que concedeu entrevista à revista *Época*, ainda termina seu depoimento do *Facebook* dizendo que:

Quando me dispus a ajudar a revista pretendia fazer a informação correta sobre a estratégia de prevenção chegar ao máximo de potenciais beneficiários possível, para quebrar impressões automáticas negativas e fazer finalmente a epidemia de HIV desacelerar no Brasil.

É o que Carvalho (2015) defende quando diz que o jornalismo deve estar atento às suas narrativas, sendo primordial identificar as complexidades do assunto, as relações de tempo que são acionadas, as personagens envolvidas (tanto como fonte ou agentes que ajudam a contar a história) e fazer com que todos estes elementos sejam esclarecedores para quem lê e no fazer jornalístico também.

Considerações finais

Tendo em vista o aporte teórico acerca de identidade, representação e memória, principalmente o conceito de memória cultural, o trabalho enxerga que há um descompasso entre o discurso jornalístico proferido pela revista *Época* quanto aos estudos sobre HIV e a representação da comunidade gay, em específico. A matéria se utiliza de generalizações, reforça o estereótipo do homem gay como transmissor do HIV, escurece o foco de luz em outros grupos que contraem o vírus e necessitam do medicamento para suas relações, reforça a ideia de promiscuidade ao abrir o seu texto descrevendo uma cena de orgia em uma boate (enxergar a parte como um todo)- o que pode ser visto ainda como uma celebração da liberdade da sexualidade, não só como promiscuidade- e por fim, estica a fronteira entre o “eu” e o “outro”.

Desta forma, na reportagem analisada o muro aumenta e dificulta enxergar o outro lado para além da fresta. Ao não acompanhar discussões que já foram questionadas e sentenciadas como equivocadas (gays como grupo de risco), o jornalismo complica o caminho entre a ponte que pode unir a identidade “dominante” e a diferença. A reportagem e capa, ambos assinados por Danilo Thomaz, trazem incorreções que foram apontadas pela própria fonte, o médico infectologista Rico Vasconcelos, que diz ter se arrependido de ter concedido a entrevista afirmando que a matéria é um “desserviço”. Estes processos de produção, circulação (já que a revista circula em âmbito nacional) e apropriação de uma abordagem errônea, implicam nas relações sociais cotidianas e, por isso, afetam a memória de uma sociedade, por seu consumo simbólico. Isto é, os leitores passam a consumir estas informações que não condizem com a natureza do tema. Ao ler que homossexuais abandonaram o



COMUNICON2018
congresso **internacional**
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

uso da camisinha, ou seja, ao consumir esta informação (em seu valor simbólico) e a revista (em seu valor material), o leitor pode levar consigo as ideias que circunscrevem a abordagem jornalística do veículo, que é a de colocar homossexuais como “grupos de risco” e de que todos abandonaram a camisinha, mesmo sendo uma atribuição de sentido equivocada.

É interessante pensar no jornalismo como uma força, instituição, que quebra os tijolos que separam grupos de comunidades diferentes e que, com a ajuda de aparatos textuais e imagéticos, valores simbólicos e materiais, poderá construir escadas para que os lados se visitem, se enxerguem e convivam de forma a celebrar suas diferenças e não mais condená-las ou ignorá-las.

Referências

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural; tradução: Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BOSI, E. (1994). **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras.

CANAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARVALHO, A. (2012). **Jornalismo, Homofobia e Relações de Gênero**. 1 ed. – Curitiba: Appris Ltda.

_____. **Affecting and being affected by happening**: journalistic coverage about AIDS and social impacts. *Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.* [online]. 2015, vol.38, n.2, pp.253-272.

_____. SOUSA, Marco. **Narrar, lembrar, esquecer**: Os 35 anos da Igreja Universal na Folha Universal e na Folha de Portugal. *Estudos em Comunicação*. 2014, nº 17, p. 143-166.

COLAÇO, Rita. **Os sombrios anos da "Peste Gay"**. 16 nov. 2012. Disponível em: <https://memoriamhb.blogspot.com.br/2012/11/os-sombrios-anos-da-peste-gay.html>. Acesso em: 11 abril de 2018.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Organização e revisão técnica de Arthur Ituassu. Rio de Janeiro: Ed.PUC-Rio/Apicuri, 2016.

_____. (1996). **Identidade cultural e diáspora**. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n.24, p.68-75.

REDAÇÃO. **Prevenção do HIV**: Médico infectologista diz se arrepender de ter dado entrevista à Época sobre PrEP. *Revista Fórum*, mar. 31 de 2018. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/prevencao-do-hiv->



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

[medico-infectologista-diz-se-arrepender-de-ter-dado-entrevista-a-epoca-sobre-prep/](#). Acesso em: 10 abril 2018.

REDAÇÃO. **A polêmica da pílula azul:** capa de Época provoca manifestações de leitores em reportagem que narra novas formas de prevenção à aids. 5 abril de 2018. Disponível em: <https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2018/04/polemica-da-pilula-azul.html>. Acesso em: 10 abril de 2018.

SANTAELLA, L. (2003). **Culturas e artes do pós-humano:** da cultura da mídia à cibercultura. São Paulo: Paulus.

THOMAZ, Danilo. **A outra pílula azul:** o novo medicamento que está fazendo os gays abandonar a segurança da camisinha. Revista Época. São Paulo. Ed. 1031, abril. 2/4/2018. p. 34-42.

WOODWARD, K. (2000). **Identidade e diferença:** uma introdução teórica e conceitual. In SILVA, Tomás Tadeu da. (org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.